18° ENCONTRO NACIONAL DE ENSINO DE PAISAGISMO EM ESCOLAS DE ARQUITETURA E URBANISMO NO BRASIL

BELO HORIZONTE - MG
11 - 14 / AGOSTO

PAISAGENS EM DIÁLOGOS
TERRITÓRIOS, MEMÓRIAS E NATUREZAS

ENEPEA 2026

POR ONDE ANDA O CÓRREGO DAS FLORES?

Arte urbana e caminhadas como desvelamento simbólico d'água em Bauru.

ST1 – Paisagens e naturezas

WHERE DOES THE CÓRREGO DAS FLORES FLOW?

Urban Art and Walking as a Symbolic Unveiling of Water in Bauru

CECCHI, Giovanna
Mestranda do Programa de Pós-Graduação em Arquitetura e Urbanismo (PPGARQ) | Faculdade de Arquitetura, Artes, Comunicação e Design (FAAC- UNESP Bauru) | Bauru, SP, Br | gvn.cecchi@gmail.com| ORCID: https://orcid.org/0009-0009-4474-7230

RESUMO

O processo de urbanização moderna promoveu a progressiva invisibilização dos corpos d'água nas cidades, resultando não apenas em seu apagamento físico, mas também em sua dissolução no imaginário coletivo. Em Bauru (SP), o Córrego das Flores constitui um caso emblemático desse processo, tendo sido tamponado ao longo do século XX em nome de ideais de progresso e racionalização do espaço urbano. Diante desse cenário, o artigo parte da indagação: por onde anda um corpo d'agua que já não se vê? Mais do que uma questão geográfica, trata-se de uma provocação simbólica e sensível. O objetivo é investigar de que modo a arte urbana, articulada à experiência do caminhar, pode contribuir para a reativação simbólica de águas invisibilizadas. Adota-se uma abordagem qualitativa, que articula levantamento histórico, revisão teórica sobre paisagem e percepção, e a realização de caminhadas exploratórias ao longo do antigo leito do córrego, associadas a uma intervenção artística efêmera como método de reativação de memória. Os percursos revelam vestígios discretos, que denunciam a persistência da água sob o asfalto. A intervenção, por sua vez, instaura uma atmosfera de estranhamento e reconhecimento, convidando o corpo a atravessar simbolicamente o córrego ausente. Conclui-se que tais práticas, ao ativarem a memória e a imaginação, operam como dispositivos críticos e poéticos, capazes de reinscrever, ainda que provisoriamente, a presença da água na experiência urbana contemporânea.

Palavras-chave: Arte urbana, Corpos d'água invisibilizados, Caminhada como método, Intervenção efêmera

ABSTRACT

The process of modern urbanization has progressively rendered urban water bodies invisible, resulting not only in their physical erasure but also in their dissolution within the collective imaginary. In Bauru (São Paulo, Brazil), the Córrego das Flores exemplifies this condition, having been gradually buried throughout the 20th century under ideals of progress and spatial rationalization. From this context emerges the guiding question: where does a river go when it can no longer be seen? Beyond a geographical inquiry, this question unfolds as a symbolic and perceptual provocation. This paper aims to investigate how urban art, articulated through the embodied experience of walking, can contribute to the symbolic reactivation of invisible waters. The research adopts a qualitative approach, combining historical analysis, theoretical discussions on landscape and perception, and exploratory walks along the former riverbed, associated with an ephemeral artistic intervention. These walks reveal subtle traces, the cracks, humidity, uneven surfaces, that disclose the persistence of water beneath the asphalt. The intervention, in turn, creates an atmosphere of estrangement and recognition, inviting bodies to symbolically traverse the absent river. It is concluded that such practices, by activating memory and imagination, operate as critical and poetic devices capable of temporarily reinscribing the presence of water within contemporary urban experience.

Keywords: *Urban art, Invisible water bodies, Walking as method, E phemeral intervention*

1 INTRODUÇÃO

Os rios urbanos são memórias vivas das escolhas que fizemos enquanto sociedade. Como um dos elementos naturais constitutivos da paisagem, hoje em dia os corpos d'água disputam seu espaço, que foi subtraído em meio as cidades. Na sua ausência ou presença, trazem consigo valores, história e projetos de sociedade, revelando as consequências pelas quais a urbe estruturou sua relação com a natureza em meio ao desenvolvimento das cidades contemporâneas. Esse conjunto de decisões revela, repetidas vezes, que o concreto e o asfalto foram priorizados, soterrando os fluxos naturais e os próprios vínculos afetivos com a paisagem.

A urbanização moderna, especialmente ao longo do século XX, foi marcada por processos sistemáticos de transformação dos corpos d'água urbanos, frequentemente convertidos em infraestruturas ocultas ou eliminados da paisagem cotidiana. Em nome de ideais de progresso, higiene e racionalização do espaço, rios e córregos passaram a ser canalizados, retificados ou tamponados, resultando não apenas em alterações físicas do território, mas também em um progressivo afastamento simbólico e sensível da sociedade em relação à água. Nesse contexto, a invisibilização desses elementos naturais implica não apenas sua supressão material, mas também uma reconfiguração dos modos de perceber e habitar a paisagem urbana.

A cidade de Bauru, no interior paulista, tem, como inúmeras cidades brasileiras, um exemplo contundente dessa realidade. O Córrego das Flores, elemento fundamental da ocupação urbana, foi progressivamente tamponado ao longo da segunda metade do século XX em nome do progresso rodoviarista para dar espaço à principal avenida da cidade, a Nações Unidas. Esse processo contribuiu para o apagamento do córrego no plano físico, e consequentemente, no plano imaginário, que foram juntamente dissipados para a população, ficando apenas geralmente associado a episódios de alagamento e enchentes. Ainda assim, sua existência persiste no território, manifestando-se por meio de vestígios materiais e dinâmicas hidrológicas que escapam à percepção cotidiana.

Diante desse cenário, este artigo parte da indagação, de que modo a arte urbana, articulada à experiência sensível do espaço público, pode contribuir para a reativação simbólica de corpos d'água invisibilizados na cidade contemporânea? A iniciativa da pergunta "Por onde anda o córrego das flores?" não vem como uma questão meramente geográfica, mas parte de uma questão simbólica, política e intrinsecamente de memória daqueles que convivem com seu leito intangível diariamente.

Este artigo tem como objetivo analisar as possibilidades de reativação simbólica do Córrego das Flores por meio de práticas de arte urbana, tomando a caminhada como procedimento metodológico e dispositivo estético. Para tanto, adota-se uma abordagem qualitativa, que articula levantamento histórico do processo de urbanização local, discussão teórica sobre paisagem, percepção e arte urbana, e a realização de caminhadas exploratórias ao longo do antigo leito do córrego, associadas a uma intervenção artística de caráter efêmero. Essas práticas são compreendidas como formas de investigação sensível, capazes de evidenciar vestígios da presença da água e de reconfigurar, ainda que provisoriamente, sua inscrição no imaginário urbano.

O artigo, estruturado em quatro partes, apresenta, inicialmente, informações históricas acerca do processo de urbanização de Bauru, que permitem entender como deu-se a invisibilização do Córrego das Flores na formação urbana do município. Em seguida, discute-se em qual medida existe um atrofiamento moderno ao olhar sensível em relação a paisagem e seus elementos naturais, mas como ainda permanecem as possibilidades de reconhecimento de presenças latentes no espaço urbano. Na terceira parte, abordam-se as relações entre arte urbana,

efemeridade e caminhada como práticas de revelação. Por fim, são apresentadas as experiências empíricas desenvolvidas, com ênfase na intervenção artística realizada, discutindo-se seu potencial como dispositivo de reativação simbólica da água no contexto urbano contemporâneo.

2 O CÓRREGO DAS FLORES E A CONSTRUÇÃO DO APAGAMENTO

A história do Córrego das Flores está intimamente ligada à formação urbana de Bauru. Desde da ocupação da gleba pelas primeiras fazendas, o córrego e o próprio Ribeirão Bauru desempenharam papel fundamental de suporte para o assentamento humano na região. O fornecimento de água para consumo, a irrigação e criação de animais, o papel como referência espacial na organização das fazendas da região eram alguns dos papeis desempenhados pelos corpos d'água na região e, a posteriori, serviam como eixos estruturadores para o arruamento inicial da cidade (Ghirardello, 2010, p. 87-88). A escolha do sítio urbano onde hoje se encontra o centro da cidade não foi aleatória, mas orientada por essa lógica de proximidade com os recursos hídricos.

Apesar da relação de coexistência, à medida que a urbanização avançou, a cidade e o córrego passaram a assumir uma interação cada vez mais paradoxal. Se, por um lado, o curso d'água era elemento fundamental da vida urbana, por outro, começou a ser percebido como entrave, e a percepção dos fundos de vale como espaços insalubres foi sendo gradualmente consolidada. Como pontua Ailton Krenak, "sempre estivemos perto da água, mas parece que aprendemos muito pouco com a fala dos rios" (2022, p.13), e um movimento de deterioração desses elementos da paisagem começou.

As margens dos rios tornaram-se lugar de moradia dos mais pobres, dos indesejados socialmente, enquanto as camadas mais abastadas buscavam terrenos nas áreas mais elevadas, os chamados "Altos da Cidade" (Ghirardello, 2020, p. 24). Jornais da época reforçavam a ideia de uma solução milagrosa para a população, como reporta Constantino "com a criação de novos loteamentos na margem oposta do ribeirão Bauru, o problema da transposição começa a ser discutido pela imprensa. 'É preciso canalizar o ribeirão Bauru e das Flores' é o título da reportagem de Oswaldo Gasper, no jornal de 1947." (2005, p.55).

A obra de tamponamento então foi executada, ao longo de quase três décadas (iniciada em 1953 e concluída em 1980, em seu último trecho) com o louvor de prefeitos e moradores, relatados como por exemplo no "Jornal da Cidade" em 12 de novembro de 1970, em que traz a manchete "Riacho e matagal desaparecem em breve" (Trecho retirado de Constantino, 2005, p.67). O discurso do progresso aliou-se ao higienismo urbano e ao ideal rodoviarista, consolidando uma paisagem onde a água deixou de ser visível e, consequentemente, de ser lembrada.

Figura 1: Córrego das Flores na altura da R. Inconfidência (esq.), 1978; Av. Nações Unidas no mesmo local (dir.), 2017



Fonte: Museu da Imagem e do Som (esq.); acervo de Foloni (dir.), 2017.

Apesar de sua importância histórica e afetiva — que também existiu, tendo sido espaço de lazer, encontro e sociabilidade para gerações de moradores — o Córrego das Flores foi progressivamente reduzido a um problema sanitário e obstáculo físico. O Córrego passou a ser uma cicatriz do tecido urbano, que a modernidade desejava ocultar sob concreto, então, a escala do pedestre, do encontro e da permanência, torna-se irrelevante diante da hegemonia da circulação automotiva. Contudo, esse apagamento não eliminou o curso d'água. Tamponado, o córrego permanece vivo, e manifesta-se por meio de alagamentos e enchentes, sobretudo em eventuais chuvas torrenciais.

Esses seguidos episódios escancaram como a decisão não resolveu os problemas urbanos de Bauru, como tão desejados pelo poder público e população, apenas consolidou um modelo de cidade predatória, que relativiza seus meios naturais. Reconhecer esse processo de apagamento como uma construção histórica e cultural é passo fundamental para compreender a relevância de reativar, ainda que simbolicamente, a presença do rio na experiência urbana contemporânea.

Augustin Berque contribui para compreender esse deslocamento ao afirmar que o sentido da paisagem é, em grande medida, uma elaboração cultural, aprendida socialmente (Berque, 1994)[1]. O autor ilustra essa ideia ao relatar a percepção de um morador japonês que considerava um córrego "mais bonito depois que foi canalizado". A ausência de ironia nessa fala revela como a noção de beleza pode estar associada à ordem, à limpeza e à funcionalidade, mesmo quando isso implica a supressão de dinâmicas naturais. Entender como a elaboração do sentido de paisagem pode ser criada e ao mesmo tempo socialmente transmutada, torna-se chave para compreender como a arte também pode ser fator determinante para instaurar reflexões nesse e em outros sentidos, sendo usada como elemento para ressignificação.

O processo de tamponamento do Córrego das Flores revela, portanto, uma intervenção infra estrutural e uma consolidação de um modo específico de produzir cidade, no qual corpos d'água

[1] Tradução: Vladimir Bartalini

são frequentemente resumidos a problemas a serem escondidos. Esse apagamento, construído historicamente por discursos técnicos e políticos, reorganizou a paisagem e os modos de percebê-la, deslocando o córrego do campo da experiência cotidiana. Apenas olhando com atenção para tais processos será possível refletir sobre estratégias capazes de reinscrever, ainda que simbolicamente, a presença da água na cidade contemporânea.

3 PAISAGENS LATENTES: O VISÍVEL, O INVISÍVEL E A EXPERIÊNCIA DA CIDADE

Se o tópico anterior evidenciou como a invisibilidade do córrego foi construída historicamente, cabe agora compreender como esse apagamento repercute na experiência sensível e perceptiva da cidade. Enquanto o processo de urbanização moderno suprimia a presença material dos rios, também operava uma dessensibilização perceptiva da paisagem. A cidade contemporânea influenciou o homem, em geral, a tratar o espaço urbano como apenas parte de seu deslocamento e não como parte constitutiva de seu território, valorizando sua função instrumental, de circulação e produtividade. Nesse contexto, aquilo que escapa à utilidade imediata, como a presença sensível da água soterrada (no caso de Bauru o próprio Córrego das Flores) torna-se imperceptível, ainda que continue atuando no território.

Vladimir Bartalini propõe compreender a paisagem não como o território imediatamente evidente ou plenamente visível, mas como uma experiência que exige estranhamento, alteridade e disposição sensível. Para o autor, quaisquer que sejam os meios de expressão da experiência paisagística, é indispensável a condição de estranhamento, como o olhar de uma criança, pois somente dessa maneira permite-se que a natureza seja percebida como uma "grandiosa e presente realidade" (usando as palavras de Rilke), e simultaneamente "enigmática e inquietante" (Bartalini, 2018, p. 32). A paisagem, nesse sentido, não se oferece de modo imediato ao olhar cotidiano, ela precisa ser reencontrada usando o olhar sensível.

Essa compreensão é fundamental para pensar os rios soterrados nas cidades. Embora ausentes do campo visual, eles permanecem como paisagens latentes, prontas para emergir sempre que a cidade se disponha a vê-las. Não se trata de restaurar uma paisagem original, e sim de reconhecer que a natureza pode se expressar de forma autêntica mesmo em contextos altamente urbanizados. Como afirma Bartalini (2018, p.49), possíveis paisagens estão em latência no meio urbano, manifestando-se nas plantas que brotam nas fissuras do asfalto, no gotejamento contínuo de uma calha ou na terra encharcada após a chuva. Essa ideia desloca a paisagem do campo puramente visível para o do sensível, percepção riquíssima quando se fala de corpos que se manifestam por meio de vestígios, como cursos tamponados.

> A natureza pode se expressar de forma mais autêntica nas plantas que despontam nas fissuras de uma parede ou na pavimentação de uma rua do que na arborização de um parque; no gotejamento contínuo de uma calha, no chão de terra encharcado do que em um repuxo ou em um espelho d'água. Tudo vai depender das imagens criadas para trazê-la à presença em toda a sua potência. O projeto de paisagismo conta, portanto, com aberturas ilimitadas. A indispensabilidade da natureza em nada cerceia o irromper de imagens poéticas em paisagismo. (Bartalini, 2018, p.49)

A percepção que a natureza pode revelar-se para além das visões usuais dela permite compreender o Córrego das Flores não como uma ausência absoluta, mas como uma presença em potência, capaz de ser acionada por práticas que reorientem o olhar e a experiência urbana. Quando olhada com estranhamento e curiosidade, a presença soterrada torna-se perceptível por meio dos vestígios. Não se trata de intimar a natureza à um estado pretérito, de conservação intocada e romantizada, mas de instaurar uma leitura poética capaz de trazê-la à presença em toda a sua potência, quando não domesticada, mas evocada.

4 ARTE URBANA, EFEMERIDADE E CAMINHADAS COMO PRÁTICAS DE REVELAÇÃO

Diante do apagamento histórico do Córrego das Flores e da dessensibilização perceptiva da paisagem urbana, a arte urbana se apresenta como uma prática privilegiada de revelação. Quando inserida politicamente no espaço público, a arte passa de elemento estético ou ornamental e atua como dispositivo crítico, capaz de tensionar os significados naturalizados, abrindo fissuras (Pallamin, 2015, p. 19). Ao instigar perguntas sobre o que está oculto, Pallamin (2015, p. 19) relembra que a arte “pode abrir janelas do devir de incertezas fecundas [...] pode contribuir para a compreensão de alterações que ocorrem no urbano". Assim, significados consolidados são desestabilizados e surge uma voz de conflito, podendo ter como resultado uma reconfiguração simbólica e cultural ao materializar relações sociais conflitantes.

Intervenções artísticas permanentes, frequentemente capturadas por lógicas de espetacularização mercantis e usualmente limitadas a espaços mercadológicos controlados, tem sua contraposição em práticas efêmeras. A arte efêmera opera por meio da abertura de brechas temporais, sensíveis e simbólicas no espaço cotidiano, deslocando o foco do objeto para o processo e para a experiência. Conforme argumenta Colette Garraud (1994), a introdução do efêmero na arte, a partir dos anos 1960, não revela necessariamente uma aproximação imediata com a natureza. O encontro se situa mais precisamente na convergência entre duas correntes fundamentais: o questionamento da perenidade do objeto artístico e a observação dos ciclos naturais, marcados pela transitoriedade, degradação e metamorfose (Garraud, 1994, p.73-78).

Ao priorizar ações, intervenções e performances que acontecem no “aqui e agora”, a arte efêmera contesta os circuitos de mercado e a ideia de eternização da obra. Simultaneamente, essa arte reconhece a degradação e que tudo na natureza está fadado a acabar, transformar-se, indicando e priorizando o processo. Nesse sentido, esse desgaste progressivo não é destruição, e sim junção gradual com o ambiente, numa lógica de continuidade entre obra e meio, usando o tempo como aliado. Essa lógica revela-se particularmente potente em contextos urbanos marcados pelo apagamento de elementos naturais, nos quais a restituição física se mostra inviável ou limitada, mas a reativação simbólica permanece possível.

As caminhadas, nesse ínterim, assumem papel central como método artístico e investigativo deste estudo, encontrando forte ressonância nas práticas de caráter efêmero. Desde suas origens, o homem reconhece o espaço que habita à medida que o atravessa, com o corpo serpenteando a terra, deixando-se afetar pelas camadas da cidade e da natureza. Mais do que um deslocamento físico, caminhar é um ato estético, “fundamentalmente criativo”, como descreve Cabral (2020, p.13), onde há uma troca de influências diretas entre quem caminha e o

ambiente. A caminhada produz, no limite, conhecimento sensível e ativa uma relação direta entre corpo, espaço e experiência.

Jean-Marc Besse (2013, p.43) afirma que caminhar é uma maneira “de se juntar à paisagem” . Ao caminhar o sujeito atravessa a cidade, e assim se reescreve nela, produzindo leituras sensíveis. Assim, caminhar sobre o Córrego das Flores, buscando percebê-lo, tornaria-se um gesto de reapropriação simbólica, uma forma de reinscrever o rio no imaginário urbano, ainda que de maneira efêmera e poética. Percorrer a Avenida Nações Unidas a pé, permite uma aproximação sensível com o território, ativando percepções que escapam à experiência acelerada da cidade motorizada. Como já faziam estudiosos de grande apreço como os dadaístas e surrealistas (Cabral, 2020, p.15), práticas artísticas e teóricas se aproximam no caminhar, podendo trazer à tona vestígios materiais e simbólicos dos corpos d’água.

Intervenções, muitas vezes discretas e efêmeras, despertam descontinuidades significativas em valores cristalizados do cotidiano urbano, ativando uma desregulação de sentidos (Pallamin, 2015, p. 147). Ao invés de propor grandes gestos monumentais, a arte urbana opera por meio de fissuras, ativando novas camadas de percepção e atenção. No plano teórico, essa linguagem performática pode ser analisada em sua densidade com os aportes de Maurice Merleau-Ponty, que vê o corpo como o espaço primordial da experiência e a performance como a ativação de novos sentidos no mundo. Para ele, os movimentos corporais não são “no” espaço, mas “geradores de espaço” (Merleau-Ponty, 1984, p. 235, apud Pallamin, 2015, p. 154). Assim, a performance rompe com a banalidade da vida cotidiana e reconfigura o urbano como espaço político e simbólico, sendo a ela uma forma de colocar embates em curso.

A partir desse conjunto de vivências — o entrelaçamento entre arte urbana, efemeridade, caminhada e performance— foi desenvolvida uma intervenção artística efêmera[2]. Ela foi realizada buscando reviver elementos naturais um dia experienciados naqueles mesmos lugares: uma das nascentes do Córrego das Flores, o então Parque Vitória Régia. Resultado de inúmeras caminhadas pelo leito do córrego, foi um exercício de aprendizagem do olhar, atento aos vestígios, permanências e manifestações sutis da água na paisagem urbana. A reativação simbólica da água não se dá pela restituição física do rio, mas pela reconfiguração da experiência urbana, abrindo espaço para que o Córrego volte a existir, ao menos provisoriamente, no campo do sensível, da memória e do imaginário coletivo.

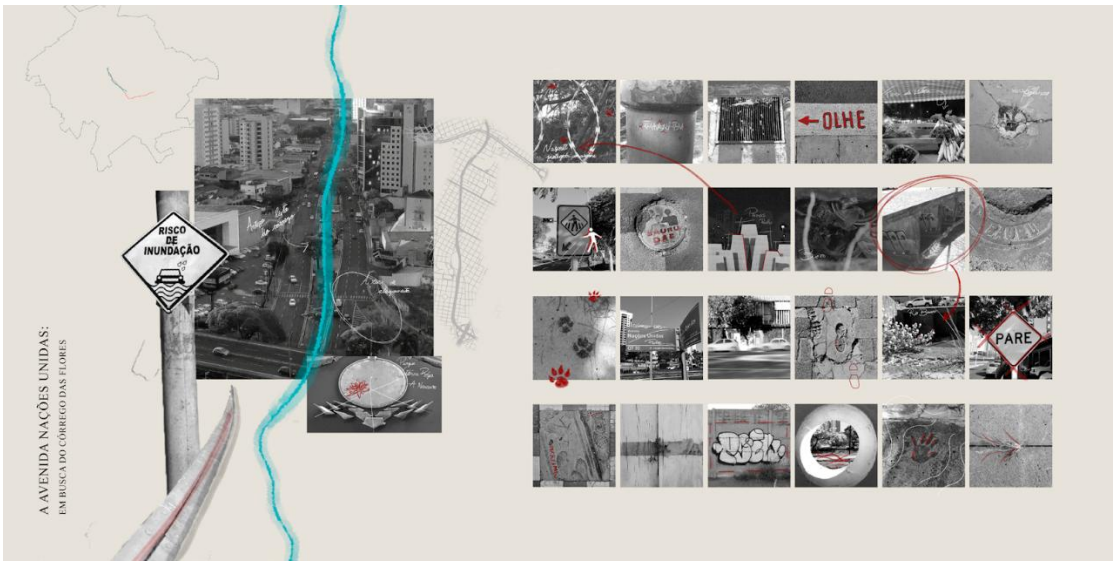
5 CAMINHAR SOBRE O RIO: METODOLOGIA SENSÍVEL, CORPO E INTERVENÇÃO ARTÍSTICA

Ao optar pela caminhada como método, atravessando pela experiência corporal, pelos deslocamentos no espaço urbano e pela escuta atenta do território, esta análise afasta-se de procedimentos exclusivamente técnicos ou instrumentais. Parte-se do entendimento de que a cidade não limita seu desvelamento por meio de mapas e levantamentos objetivos, mas atenta-se a importância da experiência intrínseca de quem a percorre. As derivas realizadas ao longo da Avenida Nações Unidas buscam ativar uma percepção sensível de seus vestígios, seja em suas

[2] A intervenção foi desenvolvida pela autora, no dia 02 de dezembro de 2025, no espaço da concha acústica do parque Vitória Régia.

grelhas de drenagem, desníveis no asfalto, fissuras no concreto, vegetação espontânea ou sons que surgem da água apenas quando chove. Esses elementos, muitas vezes ignorados, revelam a presença indiscutível do córrego no cotidiano urbano. Nesse sentido, o corpo em movimento torna-se ferramenta fundamental de leitura urbana, capaz de captar nuances, atmosferas e vestígios que escapam às formas convencionais de análise.

Figura 2: Prancha síntese das caminhadas pela Nações Unidas



Fonte: Produção da autora, 2025.

A percepção do caminhar, quando direcionado para esse e outros espaços naturais silenciados, tem como intuito subsidiar aproximações sensíveis e olhares pouco usuais, ou propriamente insólitos. Esquecido sob o asfalto, pretensamente apagado da paisagem e da memória coletiva, o Córrego das Flores permanece atuando no território. A observação atenta de seus vestígios permite reativar um sentimento de paisagem outrora compartilhado pelos moradores, instaurando pequenas fraturas na percepção hegemônica da avenida como mero espaço de passagem. Nesse processo, a arte se apresenta como possibilidade de abrir caminhos de respiro, para si e para uma cidade que ainda não aprendeu a lidar com as várzeas, e um sentimento de paisagem um dia pertencido aos moradores.

Essa dimensão afetiva e relacional é fundamental para compreender a escolha de uma intervenção artística de caráter efêmero como desdobramento metodológico do trabalho. A arte, por meio do seu discurso sensível, estético, político e efetivamente em contato com o público pode reabrir, ainda que metaforicamente, os caminhos soterrados do córrego. Mais do que propor soluções técnicas, a intervenção propõe a arte como gesto inaugural, um chamado à atenção, à escuta e à imaginação.

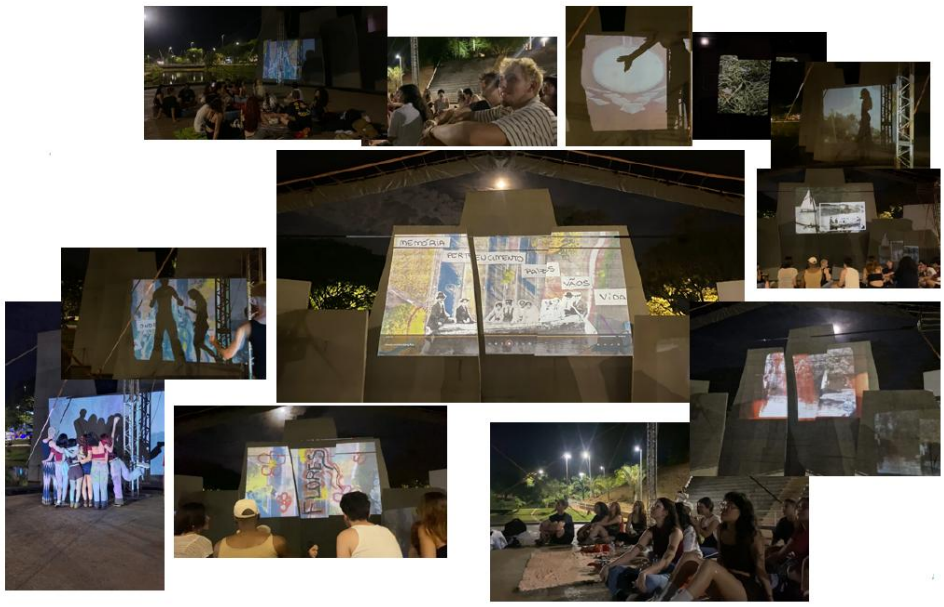
Inspirada nas reflexões de Colette Garraud acerca do efêmero e em experiências da arte contemporânea que se realizam inspiradas no espaço da própria cidade, como as de Hélio Oiticica[3], a intervenção não buscou instaurar um objeto permanente no espaço urbano. Ao

[3] Idealizador do movimento Tropicália, Hélio Oiticica "nunca separou seu trabalho artístico da sua vida cotidiana, nem as questões corporais das questões urbanas." (Jacques, 2022, p.10). Sua trajetória artística foi profundamente vinculada à sua vivência pessoal e urbana. Permitindo que seu corpo fosse

contrário, propôs a criação de uma situação transitória, aberta e instável. Buscando instaurar uma atmosfera ao mesmo tempo de estranhamento e reconhecimento, a intervenção convidou os presentes a perceberem o que um dia existiu naquele mesmo ambiente.

Tratou-se da projeção temporária de imagens associadas à água, ao fluxo, à vegetação, aos animais que um dia estiveram presentes sobre o espaço da atual da avenida, fazendo referência ao, um dia aberto, Córrego das Flores. Ao interagir com as imagens projetadas, os corpos dos participantes tornavam-se parte da obra, atravessando simbolicamente o rio invisível e reativando sua memória.

Figura 3: Registros da intervenção artística no Parque Vitória Régia.



Fonte: Acervo pessoal, 2025.

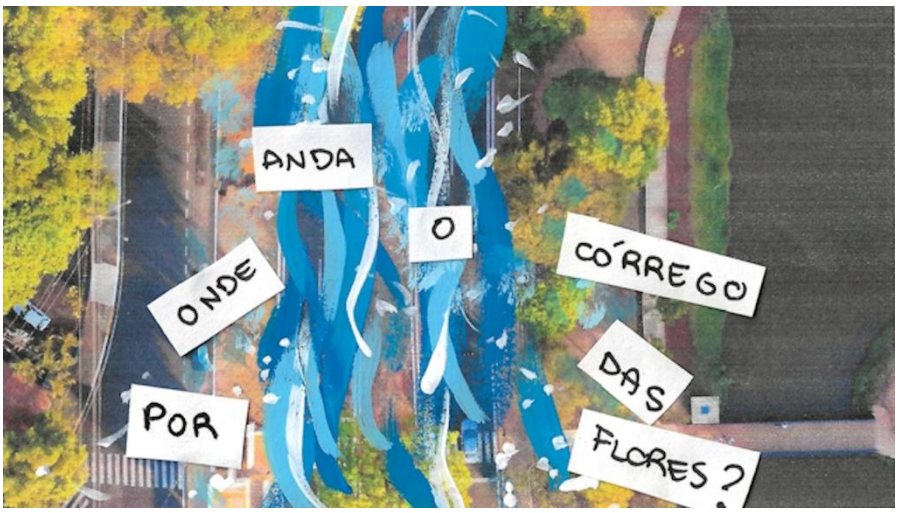
Essa escolha dialoga diretamente com a noção de performance discutida por Vera Pallamin: ao ocorrer no espaço público, a performance enfrenta contradições, tensões e interesses conflitantes, configurando-se como meio de veiculação de embates simbólicos no território urbano (Pallamin, 2015, p. 158). Nesse contexto, a intervenção não se propõe a transmitir uma mensagem fechada, mas a operar como campo de indeterminação, aberto à interpretação, à curiosidade e à memória dos passantes.

Assim, ao perguntar “Por onde anda o Córrego das Flores?”, a arte não busca uma resposta definitiva, mas cria condições para que a cidade volte a lembrar, sentir e, assim, continuar a se perguntar sobre a cisão entre cidade e meio natural, denunciando o apagamento, criando imagens contra-hegemônicas e reescrevendo o imaginário da água na vida urbana cotidiana. E talvez seja justamente aí, no inesperado encontro entre o corpo, a cidade e a arte, que reside uma potência interessante da criação contemporânea: a capacidade de reativar memórias

afetado pelas ambiências da cidade, o artista traduz suas errâncias em pequenos retratos do cotidiano brasileiro em exposições como ‘Parangolé’ em 1964, ou seus inúmeros “penetráveis”.

soterradas e reescrever, ainda que temporariamente, o imaginário da água na vida urbana cotidiana.

Figura 4: *Frame* do vídeo da intervenção artística com a pergunta “Por onde anda o Córrego das Flores?”



Fonte: Produção da autora, 2025.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao longo deste trabalho, buscou-se compreender de que maneira a arte urbana, articulada à caminhada e à experiência sensível do espaço público, pode atuar como ferramenta crítica e poética na reativação simbólica de águas invisibilizadas nas cidades contemporâneas, em especial, na cidade de Bauru. A investigação sobre o Córrego das Flores revela como o apagamento desse corpo d’água foi uma operação infraestrutural, mas também um processo cultural e simbólico, redefinindo os modos com os quais se vê e interage com esse elemento natural na atualidade.

As reflexões de Augustin Berque (1980) demonstram que o sentido da paisagem é, em grande medida, uma elaboração cultural, aprendida ao longo do tempo. No contexto da modernidade urbana, vemos que higiene e domesticação da natureza acabaram sendo associadas ao ideal de cidade, renegando paisagens naturais inteiras. Reaprender a ver a paisagem, portanto, implica desnaturalizar essas construções imagéticas e abrir-se para construção de outras formas de relação com o ambiente.

A arte urbana, frente a isso, especialmente em suas manifestações efêmeras, mostra-se capaz de operar nesse intervalo crítico entre o visível e o invisível. Conforme argumenta Vera Pallamin, quando engajada com o cotidiano, essa produção não se limita à dimensão estetizada ou decorativa, mas repercute contradições, conflitos e relações de poder presentes no espaço urbano (Pallamin, 2015, p. 144). Suas intervenções, mesmo discretas, podem gerar descontinuidades culturais significativas, assim, desregulando valores cristalizados.

A reativação simbólica do Córrego das Flores, nesse sentido, não se propõe como solução definitiva para os impasses urbanos relacionados às águas soterradas na cidade de Bauru,

tampouco como substituta de políticas públicas estruturais. Trata-se, antes, de um gesto que abre a conversa, um chamado à atenção e à memória. Ao tornar sensível a presença ausente do rio, a intervenção artística cria condições para que o território volte a ser percebido pelo público e população da cidade como espaço de vida, onde hoje é colocado em destaque a otimização e progresso.

As caminhadas e a intervenção realizadas evidenciam que possíveis paisagens permanecem em latência no meio urbano, prontas para emergir sempre que se criam imagens poéticas capazes de trazê-las à superfície. Como aponta Bartalini (2018, p.49), isolar natureza e técnica é uma ordem fadada à frustração, é necessário reconhecer a conexão inevitável entre esses termos e explorar, nesse entremeio, novas formas de coexistência. Assim, mesmo sob o asfalto, a água continua a se manifestar por vestígios, umidades, fissuras e memórias, exigindo um olhar disposto ao estranhamento e à escuta sensível.

A busca encontra-se em reativar simbolicamente o Córrego das Flores, reinscrevê-lo no campo do sensível, da experiência e do imaginário urbano, para que um dia ele tenha a expectativa de ser repensado em seu campo físico. Trata-se de desacelerar o passo, deslocar o olhar e permitir que aquilo que foi ocultado volte a afetar a cidade, ainda que provisoriamente.

7 REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BERQUE, Augustin (org.). **Cinq propositions pour une théorie du paysage**. Mayenne: Champ Vallon, 1994. Tradução: Vladimir Bartalini.

BARTALINI, Vladimir. **Paisagens surgentes**. Tese (Livre-Docência) – Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de São Paulo. Departamento de Projeto. São

Paulo, 2018.

BESSE, J.M. **Estar na Paisagem, Habitar, Caminhar**. In: CARDOSO, I. L. Paisagem e Patrimônio. Lisboa: Dafne Editora. 2013. P. 33-53.

CABRAL, Arthur Simões Caetano. Caminhar, descobrir, projetar: Reflexões sobre a deriva e o fazer projetual em paisagismo. **Revista Jatobá**, Goiânia, v. 2, 2020. DOI: 10.54686/revjat.v2i.63626. Disponível em: https://revistas.ufg.br/revjat/article/view/63626. Acesso em: 3 maio. 2025.

GARRAUD, Colette. **L'idée de nature dans l'art contemporain.** Paris: Flammarion, 1994. pp. 73 a 78.

GHIRARDELLO, Nilson. **Bauru em temas urbanos.** Tupã: Anap, 2020.

KRENAK, Ailton. **Futuro ancestral.** São Paulo: Companhia das Letras, 2022. 122 p.

MELLO, Sandra Soares de. **Na beira do rio tem uma cidade: urbanidade e valorização dos corpos d'água.** 2008. 351 f. Tese (Doutorado) – Curso de Arquitetura e Urbanismo, Universidade de Brasília, Brasília, 2008. Disponível em:

https://www.fredericodeholanda.com.br/orientacoes/doutorado/2008_MelloSandraSoaresDe_na_beira_do_rio_tem_uma_cidade.pdf. Acesso em: 25 abr. 2025.

PALLAMIN, Vera. **Arte, cultura e cidade: aspectos estético-políticos contemporâneos.** São Paulo: Annablume, 2015. 197 p. Disponível em: https://www.researchgate.net/publication/283733317_Arte_Cultura_e_Cidade_-_aspectos_estetico-politicos_contemporaneos_Sao_Paulo_Annablume_2015_197pgs_ISBN_978-85-391-0749-0. Acesso em: 25 abr. 2025.